



#DíaInternacionalDeLaMujer
#vocesfemeninasCA

(Mais) um dia para reivindicar as africanas

Este 8 de Março serve para nos lembrar que ainda há muito a fazer nas nossas sociedades, mas também para nos congratular por tudo que temos avançado e aprendido e para praticarmos uma cidadania «glocal»: para apoiarmos homens e mulheres na criação de "uma sociedade melhor, para estabelecer redes de solidariedade e de aprendizagem mútua que ultrapassem fronteiras e para tornar as comunidades, os grupos e os territórios mais resilientes, justos e fortes. Em todas estas aspirações, o papel das mulheres africanas é central.

Como diretor-geral da Casa África, creio que hoje devemos congratular-nos, particularmente pelo espaço que as mulheres africanas estão a conquistar no mundo, um facto bem patente quando se observam brilhar nomes como o da economista nigeriana, [Ngozi Okonjo Iweala](#), presentemente diretora-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC). Ilweala quebrou vários tetos de vidro na tentativa: torna-se o primeiro cidadão africano e a primeira mulher a ocupar este cargo, augurando-se uma mudança salutar numa organização que tradicionalmente defendeu os interesses comerciais dos países ocidentais e também foi muito pouco feminista. Devemos congratular-nos, igualmente, por tudo o que estamos a aprender com as africanas e por tudo o que estamos a construir dia a dia, o que nos africaniza também e que nos situa em linha com filosofias como o Ubuntu (promovida por [Nelson Mandela](#) e [Desmond Tutu](#) e que fala da pessoa como ser social e do bem-estar da comunidade), centradas no conhecimento partilhado e colaborativo. Devemos congratular-nos, finalmente, pela solidariedade transfronteiriça que praticamos cada dia com as nossas colegas africanas e que circula em ambas as direções.

Temos a sorte de trabalhar com mulheres africanas todos os dias, ao longo do ano, mas no dia 8 de Março paramos para avaliar o que foi realizado e nos projetarmos para o futuro. É um dia de múltiplas reivindicações.

Hoje, é preciso repetir que as mulheres africanas não constituem um grupo homogêneo, assim como o seu continente não é um todo monolítico, único, com uma só face. Milhões de pessoas vivem em África com diferentes peculiaridades, situações, expectativas e sonhos. Metade, mulheres. Os africanos não respondem ao cliché de passividade e impotência que às vezes é transmitido pelas notícias ou pela comunicação de certas ONGs. Nem todas as mulheres africanas se enquadram no estereótipo de mulher oprimida, cheia de filhos, abusada e dependente. É uma realidade óbvia, mais que se deve repetir continuamente e, sobretudo, hoje.

Segundo um [vídeo infográfico](#) sobre a matéria que publicámos, as africanas representam 90% da economia informal e 70% da mão de obra agrícola no seu continente, onde produzem 95% dos alimentos, sustentam diretamente mais de 40% das famílias africanas e são um grupo essencialmente empreendedor. Se observarem as estatísticas de empreendimento a nível global, encontrarão sempre países africanos à cabeça e as suas cidadãs em primeira linha.

Há dados que não são positivos. A conhecida escritora nigeriana [Chimamanda Ngozi Adichie](#) lembra que cerca de 52% da população é mulher, mas que a maioria das posições de prestígio e poder pertence aos homens e cita [Wangari Maathai](#) quando constata que, “quando mais alto sobes, menos mulheres há”. A jornalista ugandesa [Rosebell Kagumire](#), com quem temos colaborado em várias ocasiões, esclarece que mais de 49 milhões de crianças não têm acesso nem à escola primária nem à secundária na África subsariana e que 40% das meninas são casadas antes de completarem 18 anos. O casamento infantil, motivado pelas crenças sociais e a vulnerabilidade económica de muitas famílias, continua a afastar as meninas da escola. Segundo a ONU, sete em cada dez mulheres na África subsariana estão em idade ativa, embora a maioria dependa de trabalhos informais, mal remunerados e pouco produtivos. 76% trabalha na economia informal não agrícola, em comparação com 59% dos homens. Num relatório do Foro Económico Mundial de 2018 indicava-se que a África subsariana poderia demorar até 135 anos a eliminar as disparidades de género. Quatro africanas foram galardoadas com o Nobel: Wangari Maathai, [Ellen Johnson Sirleaf](#) e [Leymah Roberta Gbowee](#), com o da Paz, e [Nadine Gordimer](#), com o de Literatura. Das 24 pessoas nascidas no continente que receberam um Nobel, apenas estas quatro são mulheres.

Outros dados são melhores do que os que se registam no Ocidente. A mulher africana detém 20% da representação parlamentar do continente, embora países como Ruanda possam orgulhar-se de 58% de

mulheres legisladoras, situando-se acima da média de muitos países do Norte. Mais de 40% dos parlamentares do Senegal, África do Sul, Namíbia e Moçambique são mulheres. Há porta-vozes femininas numa quinta parte dos grupos parlamentares africanos, ministras africanas e candidatas à presidência de repúblicas do continente. A Libéria, a República Centro-Africana, o Malawi, a Etiópia e a Maurícia já tiveram presidenta à frente. A Etiópia, primeira-ministra. Do milhão e meio de liberianos que se inscreveram para votar nas primeiras eleições do país após a guerra, 51% eram mulheres. 80% dos votos das liberianas levaram à eleição de Ellen Johnson Sirleaf como primeira chefe de estado de um país africano. As mulheres ocupam metade dos postos na Comissão da União Africana, contra um terço ocupado pelas suas congéneres na Comissão Europeia. [Nkosazana Dlamini-Zuma](#) exerceu a presidência deste organismo durante cinco anos, numa altura em que o seu homólogo europeu tinha sido um homem desde o início e até muito recentemente, quando Ursula von der Leyen passou a desempenhar o cargo.

A ministra dos Negócios Estrangeiros, União Europeia e Cooperação espanhola, [Arancha González Laya](#), recordou na sua recente reunião com os embaixadores de Espanha em todo o mundo que [a política exterior espanhola é uma política feminista](#). A Casa África faz parte da ação externa espanhola em África e deve ser, portanto, necessariamente feminista também.

A ministra começava a sua intervenção referindo-se a feminizar o ministério e a ação exterior, algo em que acredito que na Casa África estamos a cumprir, com uma gerente, que faz parte da equipa diretiva de três pessoas na Casa África e três responsáveis de área numa equipa de cinco chefes de área, à cabeça de um quadro de pessoal maioritariamente constituído por mulheres, com quem hoje tenho a honra de assinar conjuntamente este artigo. No que diz respeito à programação, a Casa África fez da paridade uma bandeira e assumiu a missão de visibilizar as africanas, quer com iniciativas ocasionais, como o programa que desenvolveremos neste mês de março, quer com o nosso trabalho diário. Estamos a privilegiar autoras africanas no nosso Clube de Leitura (também maioritariamente feminino) e nas nossas campanhas online, incluímos especialistas africanas em resposta às consultas que recebemos de meios e instituições, publicações como "[Doze relatos urbanos](#)" acolhem mais autoras do que autores nas suas páginas, estreitamos o relacionamento com coletivos como a Associação de Mulheres Africanas nas Canárias, trabalhamos em iniciativas de formação dirigidas a elas e juntamente com mulheres espanholas através

de associações como Portos de Las Palmas ou a Fundação Mulheres por África.

Estamos conscientes de que, se África é pouco ouvida, vista e lida no nosso canto do mundo, as africanas são ainda menos visíveis, audíveis e legíveis. Isto sucede apesar de, para quem quer que conheça minimamente o continente, as mulheres serem o seu rosto, a sua espinha dorsal, as suas extremidades em movimento, o coração que bate sangue por todo o corpo e o cérebro. Por este motivo, gostaria de concluir este texto com uma citação, que é um voto e um compromisso. Foi dita por um grande líder, [Thomas Sankara](#), que além do mais foi um grande feminista:

«Que os meus olhos não vejam nunca nem os meus pés me levem a uma sociedade em que metade da gente se mantém em silêncio»

José Segura Clavell

Diretor-geral da Casa África

Ana Maria Hernández

Gerente da Casa África

Ana Cárdenes

Chefe da Área de Economia e Empresa

Estefania Calcines

Chefe da Área Web e Mediateca

Liv Tralla

Chefe da Área Institucional

Ángeles Jurado

Técnico da Área de Comunicação